

LEONARDO PADURA

# HEREGES

Tradução de Helena Pitta

# 1

## *Havana, 1939*

Vários anos demoraria Daniel Kaminsky a aclimatar-se aos ruídos exultantes de uma cidade que se erguia sobre a mais indisfarçável algazarra. Depressa descobriu que tudo ali se tratava e resolvia aos gritos, tudo rangia devido à ferrugem e à humidade, que os carros avançavam entre explosões e roncões de motores ou longos bramidos de buzina, os cães ladravam com ou sem motivo e os galos até cantavam à meia-noite, e cada vendedor se anunciava com um apito, um sino, uma trompeta, um assobio, uma matraca, uma charamela, uma estrofe bem timbrada ou um simples grito. Tinha encalhado numa cidade em que, como se não bastasse, todas as noites, às nove em ponto, retumbava um tiro de canhão sem que houvesse guerra declarada ou muralhas para fechar e onde sempre, sempre, em épocas de bonança e em momentos de aperto, alguém ouvia música e, além disso, a cantava.

Nos seus primeiros tempos havanenses, o menino muitas vezes tentaria evocar, o mais que lhe permitia a sua mente povoada de lembranças, os silêncios espessos do bairro dos burgueses judeus de Cracóvia onde nascera e vivera os seus primeiros anos. Por pura intuição de desenraizado, perseguia aquele território magenta e frio do passado como se fosse uma tábua capaz de o salvar do naufrágio em que a sua vida se tinha transformado, mas, quando essas lembranças, vividas ou imaginadas, tocavam a terra firme da realidade, reagia de imediato e tentava fugir dela, pois na silenciosa e escura Cracóvia da sua infância uma gritaria excessiva só podia significar duas coisas: ou era dia de mercado de rua ou pairava

algum perigo. E, nos últimos anos da sua estada polaca, o perigo acabou por ser mais frequente do que a venda de verduras. E o medo, uma companhia constante.

Como era de esperar, na cidade das estridências, e durante muito tempo, Daniel Kaminsky começou por sentir os embates daquele estado sonoro explosivo como uma rajada de alarmes capazes de o sobressaltar, até compreender, com os anos, que nesse novo mundo o perigo maior costumava ser precedido do silêncio. Ultrapassada aquela etapa, quando conseguiu finalmente viver entre ruídos sem os ouvir, como se respira o ar sem consciência de cada inspiração, o jovem Daniel descobriu que já tinha perdido a capacidade de apreciar as qualidades benéficas do silêncio. Mas gabar-se-ia, sobretudo, de ter conseguido reconciliar-se com o estrépito de Havana, porque, ao mesmo tempo, atingira o objetivo pertinaz de sentir que pertencia àquela cidade turbulenta para onde, felizmente para ele, fora atirado pela pressão de uma maldição histórica ou divina – e até ao fim da sua existência não saberia qual dessas atribuições seria a mais acertada.

No dia em que Daniel Kaminsky começou a sofrer o pior pesadelo da sua vida e, ao mesmo tempo, a ter os primeiros vislumbres da sua privilegiada sorte, um cheiro a maresia envolvente e um silêncio intempestivo, quase sólido, pairavam sobre a madrugada havanesa. O seu tio Joseph acordara-o muito mais cedo do que costumava fazer quando o despachava para o Colégio Hebreu do Centro Israelita, onde a criança já recebia instrução académica e religiosa, além das indispensáveis aulas de língua espanhola que lhe permitiriam a integração no mundo colorido e variado onde viveria, só o Santíssimo sabia por quanto tempo. Mas o dia começou a revelar-se diferente quando, depois de lhe dar a bênção do Sabat e as felicitações pelo Shavuot, o tio pôs de parte o seu comedimento habitual e depositou um beijo na testa do rapaz.

O tio Joseph, também Kaminsky e evidentemente polaco, chamado nessa altura Pepe Cartera por quem se relacionava com ele – graças à mestria com que desempenhava o seu ofício de fabricante de bolsas, portafólios e carteiras, entre outros artigos de pele –, sempre fora, e sê-lo-ia até à morte, um estrito cumpridor dos preceitos da fé judaica. Por isso, antes de lhe permitir tocar no pequeno-almoço antecipado, já disposto sobre a mesa, lembrou ao rapaz que deviam fazer mais do que as abluções

e as orações habituais de uma manhã muito especial, pois quisera a graça do Santíssimo, bendito seja Ele, que calhasse a um Sabat a celebração do Shavuot, a grande festa milenar consagrada a recordar a entrega dos Dez Mandamentos ao patriarca Moisés e a aceitação jubilosa da Torá por parte dos fundadores da nação. Porque nessa madrugada, como lhe recordou o tio, também deviam elevar muitas outras preces ao seu Deus para que a Sua divina intervenção os ajudasse a solucionar da melhor forma aquilo que, para já, parecia ter-se complicado da pior maneira. Embora talvez as complicações não os atingissem a eles, acrescentou, sorrindo com malícia.

Depois de quase uma hora de orações, durante a qual Daniel julgou que ia desfalecer de fome e de sono, Joseph Kaminsky permitiu finalmente que se servisse do abundante pequeno-almoço, composto de leite morno de cabra (que, por ser sábado, a italiana María Perupatto, apostólica e romana, e por essa mesma condição escolhida pelo tio como «*gói*<sup>1</sup> do Sabat», tinha posto para eles sobre os carvões ardentes do seu fogareiro), bolachas quadradas chamadas *matzot*, compotas de frutas e até uma boa razão de *baklava* a transbordar de mel – um banquete que faria o menino interrogar-se aonde teria o tio ido buscar dinheiro para semelhantes luxos: porque, daqueles anos, Daniel Kaminsky recordaria, para o resto da sua longa presença na Terra, além dos tormentos oferecidos pelos ruídos do ambiente e a semana horrível que viveria desde aquele instante, a fome insaciável e insaciada que sempre o perseguia, como o mais fiel dos cães.

Opípara e invulgarmente alimentado, o rapaz aproveitou a longa permanência do seu obstipado tio nas casas de banho coletivas do falanstério onde viviam para subir até à açoteia do prédio. A laje ainda estava fresca àquela hora anterior ao nascimento do Sol e, desafiando as proibições, atreveu-se a debruçar-se no beiral para contemplar a paisagem das ruas Compostela e Acosta, onde acabara por se instalar a cada vez maior judiaria havanesa. O sempre abarrotado edifício do Ministério da Governação, um antigo convento católico dos tempos coloniais, permanecia fechado a sete chaves, como se estivesse morto. Pela arcada contígua, sob a qual passava a calle Atocha formando o chamado Arco de Belén, não transitava nada nem ninguém. O cinema Ideal, a padaria dos alemães, a loja de

---

<sup>1</sup> *Gói* ou *goy*: palavra hebraica para designar o gentio ou os não judeus. (*N. da T.*)

ferragens dos polacos, o restaurante Moshé Pipik, que o apetite do menino via sempre como a maior tentação à face da Terra, tinham as suas cortinas descidas e as luzes das montras apagadas. Embora nos arredores vivessem muitos judeus e, nalguns casos, permanecessem fechados ao sábado, a quietude imperante não se devia só à hora ou ao facto de estarem no Sabat, dia de Shavuot, dia de sinagoga. Nesse instante, enquanto os cubanos dormiam a sono solto o feriado pascal, a maior parte dos asquenazes e sefarditas da zona escolhia as suas melhores roupas e preparava-se para sair com as mesmas intenções dos Kaminsky.

O silêncio da madrugada, o beijo do tio, o pequeno-almoço inesperado e até a feliz coincidência de o Shavuot calhar a um sábado, na realidade só tinham vindo ratificar a expectativa infantil de Daniel Kaminsky a respeito da previsível excepcionalidade do dia que se iniciava. Porque a razão do seu antecipado despertar se prendia com a chegada iminente ao porto de Havana do transatlântico S. S. *Saint Louis*, que havia zarpado de Hamburgo quinze dias antes e a bordo do qual viajavam novecentos e trinta e sete judeus autorizados a emigrar pelo governo nacional-socialista alemão. E, entre os passageiros do *Saint Louis*, estavam o médico Isaiás Kaminsky, a sua mulher Esther Kellerstein e a pequena filha de ambos, Judit, ou seja, o pai, a mãe e a irmã do pequeno Daniel Kaminsky.